

Freitas: "Exportação não tem sentido sem dólares"

26 JUN 1988

Negociação não acaba

26 JUN 1988 ESTADO DE SÃO PAULO

com pesadelo da dívida

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A conclusão das negociações para o reescalonamento da dívida, anunciada pelo governo na última quarta-feira, se proporciona um ligeiro alívio para o balanço de pagamentos e uma trégua nas relações entre o governo da Nova República e os banqueiros internacionais, está longe de significar o fim do pesadelo que a dívida externa tem representado para os 140 milhões de brasileiros que, nos últimos seis anos, se habituaram a ver no peso da dívida o centro de nossos problemas econômicos e sociais.

O próprio governo está ciente de que, mesmo com o acordo, embaçado em cores alegres no comunicado distribuído à imprensa ao final das negociações, a concessão de empréstimos voluntários, nos moldes em que o País obtinha até o colapso das contas externas em 1982, figura ainda num horizonte distante. A formação de sindicatos de bancos para emprestar grandes somas destinadas a financiar os projetos de desenvolvimento econômico é uma hipótese descartada pelas autoridades brasileiras. Pelo menos a curto prazo.

O secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, o diplomata Sérgio Amaral, que ao lado de Antônio de Pádua Seixas compôs a dupla de negociadores brasileiros, aponta algumas razões

para que os cofres dos bancos privados continuem fechados. Não só para o Brasil, mas para os países do Terceiro Mundo em geral. Em primeiro lugar, os bancos internacionais estão com uma carteira de empréstimos ainda muito alta para com o Terceiro Mundo e não querem mais correr riscos. Até porque o mercado secundário de títulos se encarrega de desvalorizar esses empréstimos no momento seguinte à sua concessão. Outro ponto importante é que os bancos estão, por diversas razões, redirecionando seus empréstimos para o mundo industrializado.

É por reconhecer essa realidade que o ministro Máison da Nóbrega tem como estratégia subsequente ao fechamento do acordo com os bancos e com o Fundo Monetário Internacional buscar fórmulas alternativas e múltiplas de captação de poupança externa. Em primeiro lugar, concluídas as negociações com o Clube de Paris, que receberá a proposta de renegociação do governo brasileiro provavelmente até o final de julho, o Brasil quer restabelecer os empréstimos dos Eximbanks, as agências de financiamento às exportações dos países industrializados, um instrumento que no passado foi útil ao financiamento de nossas importações de bens de capital.

Sérgio Amaral revela também que o governo aposta muito na colocação de bônus brasileiros no Exterior.